

A CONSTITUIÇÃO DA ESCOLA EVANGÉLICA DE CARAMBEÍ: UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL DA IMIGRAÇÃO HOLANDESA NA REGIÃO DOS CAMPOS GERAIS – PR

Sonia Valdete Aparecida Lima Cordeiro¹.
Universidade Estadual de Ponta Grossa.

RESUMO:

A presente pesquisa refere-se ao trabalho de conclusão do Curso de Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa com o objetivo foi resgatar o processo de constituição e de institucionalização da primeira escola da imigração holandesa no Brasil, ocorrido no período da Primeira República (1911 a 1940) como também compreender como e de que forma esses imigrantes se adaptaram a nova realidade em outro país e principalmente na localidade de Carambeí- PR. Para tanto, foi realizada a análise de documentos particulares, inclusive fonte iconográfica, dos imigrantes e descendentes que residem na região. Também foi catalogado e digitalizado leis, pareceres, projetos e relatórios que tratam da educação dos Imigrantes holandeses no Brasil no período delimitado, documentos da Escola Evangélica de Carambeí, do Museu da cidade, (Casa da Memória), Arquivo Público do Paraná - PR, Museu Campos Gerais – PR, Atas de reuniões, projeto pedagógico da escola, bem como Jornais da época.

Palavras - chave: Educação. Imigração. Escola Evangélica

LA CONSTITUTION DE L'ÉCOLE ÉVANGILE CARAMBEÍ: UN ÉTABLISSEMENT D'ENSEIGNEMENT DE L'IMMIGRATION HOLLANDAIS DANS LA RÉGION DE GENERAL CAMPOS - PR.

RÉSUMÉ:

Cette recherche se réfère aux travaux de l'achèvement du Master en éducation de l'Université d'Etat de Ponta Grossa pour le but était de sauver le processus de la construction et l'institutionnalisation de la première école de l'immigration néerlandaise au Brésil a eu lieu au cours de la Première République (1911-1940) et de comprendre comment et comment ces immigrés se sont adaptés à la nouvelle réalité dans un autre pays et surtout dans la ville de Carambeí-PR. À cette fin, nous avons effectué l'analyse des documents privés, y compris la source iconographique, et les descendants d'immigrés résidant dans la région. Il a également été catalogué et numérisé les lois, les opinions, projets et rapports traitant de l'éducation des immigrants hollandais au Brésil dans la zone délimitée période, des documents scolaires Carambeí évangélique du Musée de la ville (Maison de la mémoire), Archives publiques du Paraná - PR, Musée Campos Gerais - Paraná, Procès-verbaux des réunions, le projet d'enseignement à l'école ainsi que les journaux de l'époque.

Mots-clés: Éducation. Immigration. Ecole Evangélique

A presente pesquisa refere-se ao trabalho de conclusão do Curso de Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Com a intenção de colaborar com as pesquisas em História da Educação Brasileira um dos objetivos foi resgatar o processo de constituição e de institucionalização da primeira escola da imigração holandesa no Brasil, ocorrido no período da Primeira República (1911 a 1940). Também compreender como e de que forma esses imigrantes se adaptaram a nova realidade em outro país e principalmente na localidade de Carambeí-PR².

Como metodologia de pesquisa para alcançar os objetivos propostos foi realizada a análise de documentos particulares, inclusive fonte iconográfica, dos imigrantes e descendentes que residem na região. Também foi catalogado e digitalizado leis, pareceres, projetos e relatórios que tratam da educação dos Imigrantes holandeses no Brasil no período delimitado, documentos da Escola Evangélica de Carambeí³, do Museu da cidade, (Casa da Memória), Arquivo Público do Paraná - PR, Museu Campos Gerais – PR, Atas de reuniões, projeto pedagógico da escola, bem como Jornais da época.

Esta escola, localizada na região dos Campos Gerais, no Segundo Planalto Paranaense⁴, onde predominam as rochas sedimentares, arenitos e calcários.

Mesmo sendo a escola em questão, uma instituição⁵ regional, buscou-se relacioná-la com o contexto nacional, e, por se tratar de uma escola para imigrantes, tornou-se necessário analisar o contexto europeu, bem como os determinantes políticos, econômicos e sociais do período em questão.

No final do século XIX houve uma leve expansão industrial, acompanhada por um refluxo na economia agro-exportadora, reflexos do contato com a Europa, que a partir de 1880

[...] além de ser o centro original do desenvolvimento capitalista que dominava e transformava o mundo, era, de longe, a peça mais importante da economia mundial, e da sociedade burguesa. Nunca houve na História um século mais europeu, nem tornará a haver. Demograficamente, o mundo contava com uma porção mais elevada de europeus no fim do século que no início-⁶talvez um em cada quatro, contra um em cada cinco. Apesar dos milhões de pessoas que o continente mandou para vários mundos novos, ele cresceu mais depressa. (HOBSBAWM. 1992, p.36)

Este processo de industrialização na Europa aumentara, devido a “[...] Revolução Industrial na Rússia e em países como a Suécia e a Holanda, até então pouco atingidos por ela, e, fora da Europa, por causa do desenvolvimento da América do Norte e já até certo ponto do Japão.” (HOBSBAWM. 1992, p.79). Assim, a Europa toda passava por transformações que afetaram todos os continentes embora em momentos e proporções diferenciadas.

A Itália e a Alemanha encontravam-se territorialmente divididas, isso era um obstáculo ao desenvolvimento industrial, por isso os estados que estavam se industrializando, e possuíam um desenvolvimento capitalista, com indústrias mecanizadas, resolveram lutar pela unificação. Esses conflitos em torno da unificação, voltados para a economia capitalista, em nenhum momento voltou-se para as classes populares, e isso fez com que muitas pessoas se aglomerassem nas cidades, o que levou a um aumento da quantidade de mão- de-obra desempregada, e os que possuíam emprego eram altamente explorados nas indústrias. A Alemanha até a década de 1870, possuía cidades, como Dusseldorf, que se utilizavam de alimentos vindos de regiões vizinhas, (Sheffield). A partir da sua unificação política, em 1871, foi que começou a se destacar. A Itália também foi

unificada na mesma década, com esses conflitos houve muitas modificações, inclusive territoriais.

As quatro cidades mais populosas da Europa, nesse período (Londres, Paris, Berlim e Viena), possuíam mais de um milhão de habitantes. O crescimento nessas cidades foi muito rápido e os pobres eram vistos como “[...] uma ameaça pública,” (HOBSBAWM, 1996, p. 295), assim, as mesmas eram organizadas de forma a levá-los para se fixar as margens dos grandes centros.

Esse sistema socioeconômico capitalista difundiu-se tendo então como ponto de partida, a Europa Ocidental, destruiu os modos de produção até então existentes, ampliou a produção com a introdução de máquinas cada vez mais modernas, alterou as relações de trabalho, com a inserção do trabalho assalariado, ou seja, trabalhadores dispostos a vender sua força de trabalho em troca de um salário, mesmo alguns tendo a consciência de que este não condizia com o resultado de sua produção, porém essa era a única saída para essas pessoas, que tinham perdido o emprego em função da industrialização, além do que na Europa do século XIX, ocorreu um grande aumento populacional, contribuindo para que um número ainda maior de pessoas concorrendo no mercado de trabalho.

A junção de todos esses fatores levou muitas pessoas a buscarem melhores condições de vida em países estrangeiros. Países como a Grã-Bretanha⁷, França, Alemanha, Holanda⁸, e os EUA, dominavam os países considerados menos desenvolvidos e os impunha a condição de colônia⁹, buscando primeiramente povoar estes territórios, que consideravam de sua propriedade e que deveriam lhes fornecer matéria-prima para as suas indústrias.

A Holanda¹⁰, um país pequeno com aproximadamente 36.000 km quadrados de extensão, encontrava-se localizada junto ao Mar do Norte e nos estuários de três grandes rios (o Reno, o Mosa e o Escalda), por isso os principais meios de subsistência sempre estiveram ligados à navegação, ao comércio e transporte de mercadorias.

Devido a sua localização geográfica, mais da metade do país encontra-se abaixo dos níveis superiores do mar e dos rios.

Figura 01
Mapa da Holanda



Fonte: Livroeto “Resumo da Holanda”. Editado e impresso em Haia -1974 (p.3)

Uma dificuldade proveniente ao tamanho e a localização geográfica, é não possuir espaços suficientes para o trabalho com a agricultura¹¹, e esse foi um dos motivos que fez com que o país não escapasse dos problemas passados pela Europa no século XIX, ou seja, também sentiu o superpovoamento ocorrido nesse século em toda a Europa. O número de emigrantes holandeses não foi significativamente grande, se comparado aos alemães e italianos, mas, principalmente para o sul do Brasil, porém teve sua importância, na organização das colônias, para povoar vazios demográficos paranaenses, e também devido ao trabalho sob a forma cooperativista e as técnicas agropecuárias por eles implantadas.

“Os holandeses tem sido uns difundidores de métodos racionais de cultura agrária, através de adubação, fertilização, e aplicação de rotação de culturas; (...) Suas colônias são modelos neste sentido: o de aplicação de técnicas modernas para recuperação de terras, não raro de terras esgotadas” (DIEGUES, 1964, p. 137).

O sul do Brasil recebeu uma grande quantidade de imigrantes (de várias etnias) nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX, pois ainda necessitava substituir a mão-de-obra escrava, acreditava na superioridade européia e por possuir grandes vazios demográficos, mas também devido ao processo de urbanização e industrialização¹². Inclusive teve momentos em que houve concessão de terras a estrangeiros, outros, em que o estrangeiro recebia terra e auxílio, porém deveria devolver o dinheiro gasto com a sua vinda, e pagar a terra adquirida depois de um tempo pré-determinado. Este pagamento era realizado em prestações em longo prazo, neste caso, os imigrantes adquiriam terras através de contratos de compra e venda, onde o mesmo somente poderia requerer o direito da propriedade, após a quitação da dívida, este acordo, às vezes era diretamente com o estado ou por intervenções de companhias de colonização.

Um número menor de imigrantes foi estabelecido como pequenos proprietários nos núcleos coloniais etnicamente homogêneos, em especial, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo. (NASCIMENTO, 2004, p.30)

A opção do Brasil por imigrantes europeus também vem de uma política de branqueamento da população brasileira, pois, havia um “[...] nítido racismo por parte daqueles que faziam a política imigratória.” (FURTADO, 1959, p. 130), estes acreditavam que o Brasil só iria se desenvolver com a presença de europeus no País, viam o europeu como um ser superior, e o defendiam como sendo um dos elementos significativos e necessários à “jornada civilizadora”, (LAMB, 1999, p. 57). Isso poderia ser visto como uma “transformação biológica” da população tornando-as receptivas ao progresso. (HOBSBAWM, 1988, p. 401).

[...] pensaram que o progresso de seus países dependia da “arianização” – ou seja, do “branqueamento” progressivo do povo através de casamento inter-racial (Brasil) ou de um verdadeiro repovoamento por europeus brancos importados (Argentina). Suas classes dirigentes eram, por certo, brancas – ou ao menos assim se consideravam – e os sobrenomes não ibéricos dos descendentes de europeus eram e ainda são desproporcionalmente freqüentes nos integrantes de suas elites políticas. (HOBSBAWM, 1988, p. 54).

Porém, os imigrantes geralmente vinham para o Brasil, imaginando que teriam terras para desenvolverem suas colônias, com liberdade para educar seus filhos, e outros benefícios, mas a realidade não era tão maravilhosa como parecia, tiveram que trabalhar muito “As colônias de imigrantes eram criadas em condições precárias de sobrevivência em todo o país. Na região sul, porém, essa realidade era amenizada pela organização dos imigrantes.” (NASCIMENTO, 2004, p. 30)

De modo geral os imigrantes que vieram para o sul do Brasil, faziam parte de uma política colonizatória, que além de povoar os “vazios demográficos” existentes, desenvolveria uma agricultura baseada na pequena propriedade de terra. Por isso é que se formaram muitas colônias homogêneas, mas também houve algumas famílias que se mesclaram a outras etnias.

Dessa forma, formaram-se no Brasil muitas colônias¹³ de imigrantes, a maioria, foram demarcadas com a ajuda dos mesmos, que com isso já iniciavam o pagamento de parte da dívida com a companhia, que os trouxeram. Nessas colônias haviam lotes urbanos destinados à prestação de serviços como escolas e igrejas.

Pois já era natural do imigrante que logo depois de estabelecido, se preocupasse com a educação e, portanto com a criação de escolas, que normalmente se consolidavam associadas às igrejas. No caso alemão, a

“[...] orientação pedagógica vinha da Alemanha, por intermédio de associações de ensino e publicações periódicas locais, [...]. As escolas comunitárias (*Gemeind Schule*) eram mantidas pelos colonos, os quais participavam da construção do prédio escolar (ou então a escola funcionava numa capela); o professor, embora recebesse salário, quase sempre era um colono – isto é, trabalhava na lavoura e raramente tinha preparo especializado para exercer a função.” (SEYFERTH, 2000, p. 292).

A grande maioria das escolas nas colônias de imigrantes, contou com o auxílio da igreja. Com os italianos vieram os colégios salesianos¹⁴, com os espanhóis as escolas dominicanas, assim muitas escolas foram fundadas pelas diferentes etnias, devido à dificuldade na aculturação, e objetivando preservar características originais de sua pátria. Também para preservar a cultura, os imigrantes criaram associações culturais, recreativas e esportivas.

Se a igreja foi a instituição da sobrevivência inicial dos imigrantes, a escola passa a ser considerada como a instituição que permitirá o progresso do grupo. [...] a construção das escolas tornou-se uma necessidade e uma prioridade para o grupo. [...] como fator que favorecerá o crescimento do grupo. Uma vez assentado na colônia, passado o primeiro passo com a terra, construídas as igrejas, inicia-se um movimento para a construção das escolas. (BUCHMANN, s/d, p. 123-124)

Com os holandeses¹⁵ que colonizaram o Paraná no século XX não foi diferente, pois a educação ocorreu juntamente com a Igreja Evangélica Reformada, recebiam inicialmente auxílio pedagógico da Holanda, e os primeiros professores eram colonos agricultores, que também mantinham a escola, sendo o mesmo prédio utilizado para os cultos aos domingos. Estes chegaram em 1911, provenientes na grande maioria do município de S’Gravendeel, na província Zuid Holand, e se estabeleceram na localidade

chamada Carambeí¹⁶, no Paraná, onde fundaram uma colônia e desenvolveram atividades de agropecuária formando uma cooperativa¹⁷ de crédito, consumo e produção.

Dessa forma, a imigração holandesa para o Brasil nas quatro primeiras décadas do século XX, levou a criação da colônia de Carambeí, que é a “única colônia” de representantes holandeses no Brasil do período, que ainda existe como comunidade. (LUYTEN, 1981, p. 19)¹⁸.

A viagem da Holanda para o Brasil durava aproximadamente 21 dias, os imigrantes desembarcavam na Ilha das Flores no Rio de Janeiro, seguindo em outro navio até o porto de Paranaguá ou Antonina, no Paraná, de onde era transportado para Curitiba em carroções e alojados em improvisadas hospedarias para imigrantes, as quais geralmente se encontravam superlotadas “Acomodavam-se no chão [...] onde devem repousar em meio a imundície e bichos.” (BUCHMANN, s/d, p. 69). Muitas vezes eram

[...] hospedados em um barracão de madeira construído em cima da água. Dos lados do prédio havia uma espécie de mesa, [...] ali deviam dormir como a bordo do navio, homens, mulheres e crianças de todas as nacionalidades juntas sem separação. (KOOY, 1986, p.16).

As vezes, permaneciam de três a seis meses nestas condições, antes serem enviados para as “colônias que nesta época estão sendo demarcadas” (BUCHMANN, s/d, p. 69). De Curitiba, o imigrante era transportado juntamente com sua família para a colônia a que se destinava. (WACHOWICZ, 1968, p. 112-118).

O que os trouxe ao Brasil, foi principalmente a garantia de aqui tornarem-se “colonos, em estabelecimentos grupais que lhes permitissem uma boa margem de organização social própria e liberdade de culto religioso em língua holandesa.” (LUYTEN, 1981, p. 18). Esta autora também citou a falta de informação sobre o Brasil na Holanda¹⁹. O que difere a imigração holandesa no Brasil da italiana ou da alemã, pois nestes países, o Brasil era bastante divulgado.

Alguns destes imigrantes holandeses que chegaram ao Paraná no início do século XX eram estivadores do porto de Rotterdam demitidos devido à greve de 1908. Estes se fixaram na cidade de Irati, também no Paraná, onde fundaram a colônia de Gonçalves Junior. Nesta localidade encontraram muitas dificuldades para estabelecer-se, como por exemplo, a falta de experiência com a agricultura²⁰, uma vez que na Holanda dedicavam-se a outras atividades; além da distância entre Irati e os centros consumidores, (aproximadamente 100 km de Ponta Grossa), e ainda, doenças como a malária; também a falta de água potável e de assistência médica, fez com que grande parte desses imigrantes retornassem ao seu país de origem, outros porém, preferiram permanecer no Brasil e fixaram-se nessa colônia de Carambeí, fundada em 1911²¹. Estes, que optaram por ficar fizeram contato com a Brazil Railway Company²², uma companhia inglesa com planos de colonização para esta área, com o objetivo da produção agrícola para a carga dos trens²³. (BOER, 2006).

Esta companhia, após verificar a habilidade dos imigrantes holandeses frente ao trabalho com gado leiteiro, em 1916, instalou uma fábrica de laticínios na colônia. (LADEIRA, 1976).

A Brazil Railway Company desenvolveu atividades no sistema ferroviário do Paraná e de Santa Catarina, que auxiliaram no desenvolvimento da história regional, dentro de um quadro mais amplo, de forma a unificar o sistema ferroviário no sul do país. Registrada oficialmente em 12 de novembro de 1906 em Portland (Maine, EUA), com o controle financeiro de 12 companhias, sendo estas de extração de borracha na Bolívia, navegação fluvial no Amazonas, administração portuária em Belém, Rio de Janeiro e Porto

Alegre, e, no sul do Brasil, associada às concessões ferroviárias da São Paulo- Rio Grande. (TREVISAN, 1993). Oferecia terras e condições favoráveis aos colonos, casa, arado, algumas vacas leiteiras, uma canga de boi, arame farpado e 50 hectares de terra. O contrato assinado com os colonos foi elaborado na língua alemã e baseado em 12 itens, que fixava os colonos seus direitos e deveres. (LUYTEN, 1981).

O Estado do Paraná serviu de passagem entre os estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, sendo esta, uma das estradas de ferro mais significativas da região, além da Paranaguá – Curitiba, com 110 km, ligando o porto a capital. Dessa forma, a construção de ferrovias²⁴, ao integrar o Paraná de uma maneira mais dinâmica ao comércio brasileiro e internacional, forneceu elementos para uma intensa territorialização do capital “[...] as ferrovias no interior do Estado valorizariam rapidamente as terras do sul paranaense na década de 1910.” (MACHADO, 1969, p. 42). Isso impulsionou as colônias do Paraná, tirando-as do isolamento.

De modo geral para os imigrantes, a religião constituiu um fator muito importante, pois além de auxiliá-los na demarcação de fronteiras, é através dela “[...] que os imigrantes começam a sua reorganização social incluindo a afirmação psicolinguística do grupo.” (BUCHMANN, s/d, p. 114).

Na Holanda, há uma forte tradição protestante²⁵, e, mesmo os imigrantes, que lá eram membros de diferentes igrejas do ramo calvinista, ao emigrarem, se uniram, pois, queriam mais do que preservar a fé, promover a união na comunidade.

Esse sentimento religioso holandês vem desde a luta pela independência contra a Espanha, período em que o sistema político era identificado com atividades religiosas, e a partir do qual os holandeses que optaram pela igreja católica, foram afastados da vida pública do país. Por isso procuraram no Brasil engendrar-se com a religião de caráter elitista.

No ano de 1911, quando os primeiros imigrantes holandeses chegaram a Carambeí, organizaram-se por meio da cooperação social, empenhando-se em suas atividades, logo já iniciaram seus cultos dominicais. Num primeiro momento, realizavam seus encontros em suas próprias casas, mas logo receberam a doação de uma casa, da Brasil Railway Company, que durante a semana era usada como escola²⁶. Eram bastante unidos, tanto que em julho de 1925 criaram uma “Sociedade Cooperativa Holandesa de Laticínios²⁷”. Para eles cooperativa, escola e igreja eram muito importantes para mantê-los unidos. Dois membros, Lendert Verschoor e Jacob Voorsluys, eram os responsáveis pela leitura dos sermões e pelo ensino doutrinário dos jovens, pois não tinham pastor, somente em 1935 foi designado um pastor para essa localidade. O que trouxe mais unidade para a colônia, pois foi na e através da religião que os imigrantes encontraram segurança e apoio para aceitar a nova realidade. Esta unidade do grupo, de certa forma, em alguns momentos, acabou por marginalizar os habitantes que a ela não pertenciam.²⁸ Neste período, o preconceito era bastante comum, tendo como causa principal a falta de comunicação. “Para os holandeses, os luso-brasileiros figuravam como pessoas não-confiáveis, preguiçosos, supersticiosos e volúveis, [...]” (LUYTEN, 1981, p. 130). Com o passar do tempo, a aculturação, que aconteceu mesmo contra a vontade inicial dos imigrantes, fez com que esse preconceito fosse amenizado.²⁹

Como os demais imigrantes, desde que se organizaram na colônia, objetivavam erigir sua própria igreja e para isso, buscaram contatos com outros países, como por exemplo, o contato realizado com o pastor A. C. Sonneveld, servo da Igreja dos holandeses reformados residentes na Argentina, cuja igreja estava ligada às Igrejas Reformadas da Holanda. E então, a partir daí, iniciavam-se os contatos entre as colônias, as Igrejas Reformadas da Holanda e as comissões para a América do Sul.

Devido a esses contatos, o pastor B. Bruxvoort foi enviado para Carambeí a fim de estudar a possibilidade de organizar uma Igreja Reformada nesta colônia. Então, a comunidade eclesiástica de Carambeí foi fundada, e após aprovação desse ato, a igreja foi instituída oficialmente em 14 de setembro de 1933, com um total de 31 membros professos. Porém três anos antes, ou seja, em 1930, os membros já haviam construído seu primeiro templo.

Como todas as atividades da colônia giravam em torno da igreja, ela sempre auxiliou na coordenação das atividades recreativas, como piqueniques, passeios, torneios esportivos e outros, tanto dos colonos como dos luso-brasileiros vinculados ao protestantismo. (LUYTEN, 1981), e também como os demais, houve a preocupação com a educação.

Com isso fica evidente que “A vida em comum destes núcleos populacionais, a partir de uma base comum de produção, girava fundamentalmente em torno da igreja e da escola.” (KREUTZ, 1985, p. 99).

É também deste período a contratação de professores brasileiros na localidade. Estes foram trabalhar na escola holandesa, mas nos moldes da legislação brasileira.

Também na educação, esteve presente o preconceito, esta esteve principalmente relacionada ao ensino da leitura, ou seja, aprender a ler para ler a Bíblia. Porém o que realmente os imigrantes não queriam era que seus filhos se “acaboclassem”. Uma vez que no Brasil, a educação não era prioridade para o governo nesse período de início da imigração, conforme constatado por Boris Fausto ao citar que “[...] pouco ou nada fazia para impedir que os filhos dos colonos recaíssem no analfabetismo, [...]”, eram os próprios imigrantes que erigiam e mantinham as escolas. (FAUSTO, 2001, p.242).

a escola nacional não estava habilitada a ensinar o imigrante, ou o filho do imigrante, este, em sua maioria, já brasileiro de nascimento; nem, muito menos estava preparada para educá-lo, capacitando-o a integrar-se no meio brasileiro. Fácil é concluir, do que foi dito, que o erro vinha de longe; originava-se sem dúvida do descaso com que o assunto sempre foi tratado. O problema da educação para a assimilação do imigrante, quer dizer, o processo com que ele se incorpora, a vida nacional não era devidamente cuidado. No fundo, a assimilação tornava-se um processo natural, cuja espontaneidade dependia das próprias condições do ambiente e do desejo do próprio imigrante. (DIEGUES JUNIOR, 1964, p. 83).

Na comunidade de Carambeí, a IER, (Igreja Evangélica Reformada), criou uma “Associação Evangélica”, que contribuiu para a educação dos descendentes. Atuando como Entidade Mantenedora da escola.

Com o tempo esta interação fez com que a figura do professor fosse vista de acordo com a sua orientação religiosa, pois ele tinha outras atribuições dentro da comunidade. Podemos observar então, que essa união entre a igreja e a escola sempre esteve presente, pois a Igreja foi a instituição onde os imigrantes

[...] encontraram o espaço para a aglutinação dos traços que permitiriam a identificação entre os indivíduos daquele grupo impedindo sua desagregação. Se a Igreja foi a instituição da sobrevivência inicial dos imigrantes, a escola passa a ser considerada como a instituição que permitirá o progresso do grupo. [...] a construção das escolas tornou-se uma necessidade e uma prioridade para o grupo. [...] como fator que favorecerá o crescimento do grupo. Uma vez assentado na colônia,

passado o primeiro pasmo com a terra, construídas as igrejas, inicia-se um movimento para a construção das escolas. (BUCHMANN, s/d, p. 123/124).

Até esse período imigratório, a educação formal, com diplomas, tinha pouca significação para contribuir com a “elevação à burguesia”. Porém, entre 1875 e 1912, o número de estudantes aumentou muito, nos mostrando que com o tempo, a educação secundária foi colocada como um “portal de entrada” para pessoas que almejavam um certo *status*. (HOBSBAWM, 1988, p. 246).

O verdadeiro teste das escolas e universidades, como agências socializadoras, era para aqueles que galgavam a escada social e não para os que já haviam atingido o topo. Transformou o filho de um jardineiro não conformista de Salisbury num lente de Cambridge e o filho deste, via Eton e King's College, no economista John Maynard Keynes, tão obviamente membro de uma elite polida e segura de si que ainda nos espantamos ao pensar no ambiente da infância de sua mãe, entre tabernáculos batistas provincianos – e todavia ele foi, até o fim, um altivo membro de sua classe, a qual, mais tarde, chamou de ‘burguesia educada’. (HOBSBAWM, 1988, p. 249).

Em 1914 havia no Paraná 1860 alunos e 46 escolas, no Rio Grande do Sul, 425 alunos e 17 escolas, e em Santa Catarina, 180 alunos e 9 escolas. (WACHOWICZ, 2002, p. 39).

Ainda deve-se considerar que nesse período, desde a proclamação da República até a eclosão da Primeira Guerra Mundial³⁰, foi erigida a bandeira do nacionalismo e do patriotismo, tudo por amor a Pátria. Dessa forma, o povo estaria unido, e a instrução serviria como meio de divulgação dos interesses dessa classe (burguesia), e como garantia de dominação. (NASCIMENTO, 2004, p. 78).

Esse discurso seria reproduzido para os alunos, nos colégios, por meio dos seus professores, facilitando a disseminação da idéia pela qual, num Estado evoluído, poderiam ser formadas pessoas [...] capaz de disciplinar os indivíduos de forma dócil para que estes pudessem ser organizados. (Ibidem, p. 83).

Essa idéia de se ter uma identidade nacional ficou irraigada de tal forma que “Era incabível pensar em promover o progresso da nação, sem que a idéia de nacionalismo ou patriotismo, não estivesse vinculada ao desenvolvimento de cada homem, mulher, criança e idoso desse país, [...]” (NASCIMENTO, 2004, p. 80). Apesar da idéia nacionalista, buscar amenizar as diferenças sociais deve-se destacar que a realidade das crianças que freqüentavam as escolas era difícil, em sua maioria pertenciam a classes desfavorecidas. E a idéia apenas não resolvia o problema.

Os Estados, portanto, criaram ‘nações’, ou seja, o patriotismo nacional [...] quer o real ou (como no caso dos monarcas) o inventado por conveniência, era uma estratégia de dois gumes. A medida que mobilizava alguns habitantes, alienava outros – os que não pertenciam nem desejavam pertencer a nação identificada com o Estado. (HOBSBAWM, 1988, p. 214/ 215).

Todos os tipos de nacionalismos usavam a mesma base, a forma como as pessoas se identificavam emocionalmente com a nação, podendo com isso ser facilmente mobilizadas, o que era possível através da democratização da política. A isso, os Estados chamavam de 'patriotismo', reivindicando o monopólio deste patriotismo, "[...] para a extrema direita política, e por meio dela a estigmatização de todos os demais como traidores." (Ibdem, p. 204).

Esse nacionalismo avançou muito entre os anos de 1880 a 1914, transformando seu conteúdo político e ideológico. O próprio surgimento da palavra foi

para descrever grupos de ideólogos de direita na França e na Itália, que brandiam entusiasticamente a bandeira nacional contra os estrangeiros, os liberais e os socialistas, e a favor daquela expansão agressiva de seus próprios Estados, que viria a ser tão característica de tais movimentos." (HOBSBAWM, 1988, p. 204).

No Brasil também houve uma difusão das idéias liberais e emergiu uma ideologia nacionalista gerando um espírito patriótico. Havia repressão por parte do governo, reação por parte dos conservadores, e com isso o sistema educacional entrou em contradição, de um lado era pressionado a democratizar o ensino e de outro, era controlado pelas oligarquias urbanas e rurais.

É nesse período que muitos republicanos começam a enaltecer os "heróis nacionais" e os símbolos pátrios, (bandeira, selo, brasão). Nas colônias imigrantes, o uso da língua materna foi proibido em público, as escolas em que os professores não tinham o domínio da língua nacional, eram fechadas, sendo proibido também o uso dos livros e cartilhas que eram preparados pelos próprios professores. (NASCIMENTO, 2004, p. 118).

Porém isso acontecia a nível nacional, mas não afetou diretamente a colônia de Carambeí, pois as escolas e o ensino continuaram a funcionar e em holandês.

Carambeí até a década de 1930 não possuía um sistema de ensino oficial, somente após essa campanha de nacionalização é que o governo brasileiro nomeou a primeira professora brasileira para a colônia, nesse mesmo período, mais especificamente em 1936 veio um professor da Holanda para exercer essa profissão, o Professor Keimpe van der Meer³¹. Mesmo ficando esse tempo sem escola oficial, não deixaram de alfabetizar seus filhos. E este fato não alterou os hábitos de leitura dos descendentes.

Figura 2
Representação da escola que ensinava em holandês – Década de 1930



Fonte: Acervo da autora. Cedido Casa da memória Carambeí- 2006.

Até então as aulas eram ministradas na casa dos próprios colonos, por pessoas por eles indicadas. E, quando a companhia cedeu a casa para as atividades religiosas, as atividades educativas também eram realizadas nesse estabelecimento, conforme mostra a foto acima.

As discussões sobre educação levou os alunos, inclusive os de Carambeí, a prestar alguns exames, entre eles o “exame de madureza”, para isto tinham que viajar até Curitiba, e, a prova era por eliminação de disciplina, caso o aluno não alcançasse a média 5,0, poderia refazê-la após seis (6) meses de aula.

Durante todo o tempo eram oferecidas aulas diárias em holandês para os descendentes, com o auxílio de pessoas da colônia ou de professores contratados na Holanda. A estes eram ensinados sobre a história e a cultura holandesa. Também o ensino religioso era ministrado uma vez por semana, em holandês. Esse ensino também era oferecido aos brasileiros que tivessem interesse em aprender a língua holandesa. Deve ser ainda considerada a dificuldade que os brasileiros, residentes na colônia, tinham meio a esses descendentes, uma vez que até a década de 1960, durante os recreios escolares, só se falava o holandês.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar o processo de constituição e institucionalização da escola para imigrantes holandeses na região de Carambeí levou ao entendimento de como se deu o processo migratório do século XIX e XX. E a transformação dos meios de produção juntamente com a Revolução Industrial reduziram os imigrantes desse período a trabalhadores assalariados.

Mesmo de forma e tempo diferenciados, o processo da industrialização atingiu cada país, marginalizando as classes populares.

Tanto a religião como a educação, surgiu para manter o universo cultural dos colonos, representado pela manutenção da língua nos cultos, como símbolo da preservação da cultura do país de origem. Porém a escola brasileira proporcionou uma maior integração sócio-cultural, propiciando uma visão da realidade luso-brasileira e contribuindo para a aculturação.

De modo geral, a educação sempre foi uma das preocupações dos imigrantes, principalmente para os que se dirigiram as zonas rurais do país. Pois como já mencionado, não queriam que seus filhos se “acaboclassem.”³² Isto se deve também ao fato de que a zona rural brasileira nas primeiras décadas do século XX, ainda não oferecia um aprendizado regular, devido à precariedade econômica da região e a falta de pessoas preparadas para essa função.

Como foi possível observar, a imigração mexeu com as estruturas mundiais, países que precisavam diminuir o contingente populacional e outros, colonizarem áreas despovoadas, e mesmo os países menores como é o caso dos Países Baixos, estiveram presentes nesse cenário imigratório.

Porém esse estudo não se esgota por aqui, a colonização holandesa ainda tem muito a nos ensinar, quer seja no processo imigratório ou no que se refere aos métodos de ensino, ainda há um longo caminho a trilhar.

REFERÊNCIAS

Atas da escola. 26/10/1960 e 27/11/1961. Traduzidas pela professora Luciane Los.

BACHMANN, Elane Tomich. A Trajetória do Sol: Um estudo sobre a identidade do imigrante polonês no Sul do Brasil. s/d. ed. Farol do Saber.

BATAVO, “O Jornalzinho” ano VII- agosto de 1979, N^o 70, p.7)

BOOER, Jéssie. Depoimento Oral. Carambeí: agosto de 2005.

BORGER, Dick. Huize ano 1934. Castro: Kugler Artes Gráficas, 1987.

CARAMBEÍ, Escola Evangélica de. (Ensino Fundamental). História da Escola. Carambeí: Documentação Escolar, 1994/1997.

CARAMBEÍ, Prefeitura Municipal de. Histórico de Carambeí. 1997. 24 p.

CORDEIRO, S. V. A. L. & WOISKI, R. Memória histórica das escolas de Carambeí e análise do Ciclo Básico de Alfabetização: um estudo de caso 1911 – 1998. (monografia de final de curso – Licenciatura em História, 1999).

CASTRO JORNAL. Uma necessidade: estará para desabar o grupo escolar, o nosso único estabelecimento público de ensino? Ano III, Castro, 8/julho/1933.

DIÁRIO DOS CAMPOS. Cooperativa Central de Laticínios comemorou Jubileu de Prata. Domingo, 14/10/1979.

DIEGUES JUNIOR, Manuel. “Imigração, Urbanização, Industrialização”. Rio de Janeiro: M.E.C., 1964.

FAUSTO, Boris. (dir.) História Geral da Civilização Brasileira – III O Brasil Republicano. 2. sociedade e instituições 1889 – 1930. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. O Brasil Republicano. Coleção História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo: Difre, 1977.

_____. (org.) Fazer a América. 2.ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

_____. Trabalho urbano e conflito social. 1890-1920. Rio de Janeiro: Difel, 1976.

FERREIRA, J. Cidades brasileiras: origem e significado de seus nomes. Curitiba: Edição do autor, 1999.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. Ed. Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1964, 6ª ed.

GARCIA, Eduardo. História da Civilização. São Paulo: Ed. Egéria, 1978.

HAIA. Departamento Real de Informação. A Holanda em Resumo. Impresso na Holanda, Edição Ministério das Relações Exteriores, 1974.

HAIA. Ministério dos Negócios Estrangeiros - Serviço de Informação ao Estrangeiro. Perfil dos Países Baixos. Impresso na Holanda: Koninklijke Van Poll Drukkerijen Bv – Países Baixos, 1996 ISBN 90-74876-09-9, 1996. Composto Por Studio Dumbar.

HARMS, Débora Aparecida de Mattos. A imigração holandesa. Trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em História, pela UEPG, sob a orientação do prof. Cláudio Denipoti. Ponta Grossa, 2002.

HOBSBAWM, Eric J. A era dos Impérios 1875-1914. 3ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

_____. A era do Capital 1848- 1875. 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. As Origens da Revolução Industrial. São Paulo: Global, 1979.

KOOY, Hendrick Adrianes. Carambeí 75 anos:1911 –1986. Castro: Kugler, 1986. 279 p.

KREUTZ, Lucio. “O professor paroquial católico teuto-brasileiro do Rio Grande do Sul no movimento da restauração”. Tese, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1985.

LADEIRA, Hilda de Oliveira. Um Estudo sobre a Imigração Holandesa nos Campos Gerais. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 1976.

LAMB, R. E. Uma jornada civilizadora: imigração, conflito social e segurança pública na província do Paraná. (1867 - 1882). Curitiba: Aos quatro ventos, 1999. 2ª. ed.

LOMBARDI, J Claudinei; JACOMELI, Mara Regina M; e SILVA, Tania Mara T. da. (Orgs). O público e o privado na história da educação brasileira: concepções e práticas educativas. Campinas: Autores Associados, UNISAL – HISTEDBR, 2005.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. Comunicação e aculturação: a colonização holandesa no Paraná. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

MACHADO, Brasil Pinheiro et al. História do Paraná. Grafipar, 1969.

MEER, Keimpe van der. Cooperativas dos Campos Gerais. 1975. (Texto mimeog.)

_____. 50 anos Carambeí: como cresceu a colônia. Printed by T. Wever Aj. Franeker (Netherlands)

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura, “A Primeira Escola de Professores dos Campos – PR”. Tese, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

_____. Primeira escola republicana nos Campos Gerais: “Dr. Vicente Machado” 1904-2004. Curitiba: Chain, 2004.

NETTO, Luiz R. Revista Batavo: N ° 43: Carambeí, sua história. Castro: Kugler, 1995.

NOVAIS, Fernando A. Colonização e Sistema Colonial: Discussão de conceitos e perspectiva histórica. IN: IV Simpósio dos Professores Universitários de História. São Paulo, 1967, p. 231-250.

ORREDA, José Maria. História de Irati. III vol. Irati: Martins, 1981.

PINHO, Diva Benevides. Que é cooperativismo. São Paulo, Buriti, 1966.

RABE, Neuza. História da Educação no Distrito de Carambeí. Ponta Grossa: DEMET/UEPG, 1990.

SEYFERTH, Giralda. Imigração e Colonização Alemã no Brasil: uma revisão da Bibliografia. Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, 25., 1988

_____. A Colonização Alemã no Brasil: Etnicidade e Conflito. p.273-314. IN: FAUSTO, Boris. (org.) Fazer a América. 2.ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SIJPKES, Hendrik. Depoimento Oral. Carambeí: maio de 2005.

SILVA, Sergio. Expansão Cafeeira e origens da Indústria no Brasil. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

SINGER, Paul. O Brasil no contexto do capitalismo internacional 1889-1930. (p.345-390). IN: FAUSTO, Boris. (Org.) História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III – O Brasil Republicano. 1º Vol. 4ª ed. São Paulo: Difel, 2002.

_____. O Brasil no contexto do capitalismo internacional 1889-1930. (p.345-390). IN: FAUSTO, Boris. (Org.) História Geral da Civilização Brasileira – Período Republicano – Estrutura de poder e economia (1889-1930) Tomo III 1º Vol. 4ª ed. São Paulo: Difel, 1985.

TREVISAN, Edilberto. “Brazil Railway Company” Sonho de poder I - Gazeta do Povo Nº. 23.407- ano 75, 31 de outubro de 1993, p. 47.

_____. “Brazil Railway Company” Sonho de poder II - Gazeta do Povo Nº. 23.414- ano 75, 07 de novembro de 1993, p. 51.

_____. “Brazil Railway Company” Sonho de poder III - Gazeta do Povo Nº. 23.421- ano 75, 14 de novembro de 1993, p. 25.

_____. “Brazil Railway Company” Sonho de poder IV - Gazeta do Povo Nº. 23.428- ano 75, 21 de novembro de 1993, p. 4 - 3º. Caderno.

_____. “Brazil Railway Company” Sonho de poder V - Gazeta do Povo Nº. 23.435- ano 75, 28 de novembro de 1993, p. 5 - 2º. Caderno.

_____. “Brazil Railway Company” Sonho de poder VI - Gazeta do Povo Nº. 23.449- ano 75, s/d, caderno especial, p. 11.

WACHOWICZ, Ruy C. História do Paraná. Curitiba: Editora dos Professores, 1968.

Notas

¹ Professora de Ensino Fundamental – Séries Iniciais; e coordenadora de projetos voltados a Educação Ambiental.

² Carambeí, (399º município paranaense), inicialmente era uma região de campos, que servia de passagem para os tropeiros, que saíam do Rio Grande do Sul com destino a Sorocaba. Em um lugar mais alto, conhecido como “alto Carambeí”, uma senhora, a “Sinhara de Carambeí”, oferecia pouso a esses viajantes. Como vilarejo sua origem ficou marcada com a Brazil Railway Company, uma companhia inglesa de colonização, e com a construção da estrada de ferro ligando São Paulo ao Rio Grande.

³ A escola oferece desde o jardim de infância (educação infantil) até a oitava série (ensino fundamental).

⁴ Segundo NASCIMENTO, 2004, o Paraná tem cinco zonas naturais de paisagem: Litoral, Serra do Mar, Primeiro Planalto, Segundo Planalto e Terceiro Planalto.

⁵ “[...] o conceito de instituição e um conceito ambíguo e mais complexo do que possa parecer: usamos instituição para indicar uma única escola e também para indicar o sistema escolar”. (LOMBARDI & NASCIMENTO, 2004, p. 18 a 21). Minha pesquisa assim como o texto escrito refere a “[...] ‘instituição’ como uma unidade escolar, espacialmente localizável, [...] com componentes identificáveis na memória coletiva, tais como as aspirações coletivas fundadoras [...]. A instituição é transpassada e constituída por relações de poder, vinculada a figura de uma pessoa principal, inaugural, que nos primórdios da instalação contribuiu para criá-la e a seus ‘herdeiros’ que interpretam o ideário, aspirações e necessidades institucionais em diferentes momentos temporais. Caracteriza também a instituição e, especialmente, uma instituição escolar, um caráter formativo, um movimento de transmissão de um saber que se deve integrar num sistema de conduta e, ao mesmo tempo, um conjunto de limites e interdições [...]. Fazer história institucional, portanto, exige revisar o projeto primitivo, a posição do fundador, aquele que lhe deu paternidade, retomar as formas de organização jurídica e material. A abordagem da dimensão institucional poderá evidenciar o conflito entre o instituído e os processos de institucionalização, os momentos, fases ou períodos em que a

instituição tendeu a retornar-se um artefato, com funcionamento independente, destacando-se das propostas fundadoras. O jogo entre o instituído e o instituinte, a totalidade em organização, os processos de estruturação e não apenas o estruturado, esses são os desafios a enfrentar no empenho de compor narrativas referentes a história das instituições escolares. [...] História das instituições escolares não é só uma história de base material que evoca o passado, uma história dos prédios ainda conservados. [...] também poderá tomar como objeto escolas que cessaram suas atividades, [...].” (Ibidem).

⁷ Criou e reforçou sua influência em áreas do Tibete, da Pérsia e do Golfo Pérsico.

⁸ Dentre os principais impérios, somente o holandês não adquiriu novos territórios, este somente avançou sobre a Indonésia, que há muito já tinha o controle formal.

⁹ Geralmente esta era um grande território submetido a metrópole por leis, sem liberdade política, totalmente dependente da metrópole, para a qual fornecia produtos em regime de monopólio, onde só a metrópole tinha o direito de comércio. (NOVAIS, 1967, p. 231-250).

¹⁰ Fonte: Livro “Holanda em Resumo”. Editado pelo Ministério das Relações Exteriores, Haia, 1974. Impresso na tipografia oficial de Haia, na Holanda.

¹¹ Em alguns lugares a plantação é realizada nos chamados “Polderes” – terras recuperadas do mar para ser cultivada, ou seja, terra invadida pelo mar, que foi recuperada para plantio.

¹² Nesse mesmo período, o Brasil passava pela expansão cafeeira, acontecimentos que o inseriram na economia mundial em formação, pois esse foi o principal centro de acumulação de capital no país. (SILVA, 1976)

¹³ “O termo colônia, neste contexto, tem significado sociológico bem preciso: remete a organização comunitária dos imigrantes, num sentido de pertencimento étnico.” (SEYFERTH, 2000, p. 285).

¹⁴ Alguns colégios salesianos ainda existem na atualidade.

¹⁵ Os primeiros holandeses que chegaram ao Brasil vieram com as Invasões Holandesas, no ano de 1595, pilhando a costa africana, foram seguidos por outra leva em 1604, quando chegaram na cidade de Salvador, onde ocorreu o maior conflito político militar da época colonial. 20 anos depois, em 1624, novamente um grupo de holandeses, atraídos pelo açúcar e outras riquezas, em pouco mais de 24 horas, dominaram a cidade de Salvador, prendendo e remetendo para a Holanda o Governador-Geral, porém não ultrapassaram seus limites, e, após um ano renderam-se. E, em 1630, outro ataque holandês, desta vez em Pernambuco, mas foram presos em 1654. Deste período, restaram algumas edificações que lembram à arquitetura holandesa, principalmente em Recife. (GARCIA, 1978).

¹⁶ Assim, Carambé é uma colônia de origem holandesa, cuja nomenclatura vem da língua Tupi-Guarani, *Karumbé* = tartaruga + y = rio, ou seja, “Rio das tartarugas”.

¹⁷ O cooperativismo de produção surgiu na França, e se espalhou por toda a Europa. No Brasil, a idéia chegou no início do século XX com os imigrantes. (SINGER, 2002).

¹⁸ Depois desse período outras colônias foram formadas com imigrantes holandeses, como Castrolanda em 1950 e Arapoti em 1960.

¹⁹ Sobre esse assunto, ler também H. Hack, Dutch group settlement in Brazil. E, Segundo entrevistas realizadas em Carambé (2006) esta informação procede, pois foram os próprios holandeses que fizeram propagandas aos que vieram posteriormente.

²⁰ “Era tudo mato, tinha que abrir os caminhos e roçar, coisa que não sabiam fazer.” (BOER, 2006)

²¹ Informações obtidas através de entrevista com Jessie Boer, filha do Professor Keimpe van der Meer, um imigrante que chegou na colônia de Carambé na década de 1930. Também LUYTEN, 1981, faz uma abordagem a respeito.

²² Esta empresa, do multimilionário Persival Farquhar, teve grande atuação no Brasil no período de 1904 a 1914. Adquiriu o controle acionário de importantes empresas, como por exemplo, a Companhia Telefônica Brasileira. O monopólio se estendeu por todo o país.

²³ O que não difere dos chamados Núcleos que eram grandes porções de terras, loteados em pequenas propriedades e vendidas aos imigrantes, geralmente a preços módicos. Situados próximos de estradas de ferro, os núcleos progrediam e em poucas décadas se transformavam em cidades. Ex: Cidades de: São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Nova Europa, Itanhaém, Nova Odessa, Nova Paulicéia, Nova Veneza, Ribeirão Pires, (São Paulo), em outros estados ocorreu o mesmo. (FERREIRA, 1999).

²⁴ “Os trens alcançavam o centro das grandes cidades – onde suas façanhas triunfais eram festejadas com estações ferroviárias igualmente triunfais e gigantescas – e as mais remotas áreas da zona rural, onde não

penetrava nenhum outro vestígio da civilização do século XIX.” Aproximadamente nos anos de 1880, “quase 2 bilhões de pessoas viajavam por ano pelas ferrovias.” (HOBSBAWM, 1988, p.48).

²⁵ Um movimento que acabou com a supremacia da Igreja Católica, ocorrido na Europa, e que defendia a livre interpretação da Bíblia, foi iniciado na Alemanha, por Martinho Lutero, um monge agostiniano excomungado da Igreja Católica e fundador da Igreja Luterana. Esse movimento atingiu a Suíça com o padre Uldorico Zwinglio, a Inglaterra com Wycliff e a França com João Calvino, um seguidor de Lutero e da teologia evangélica.

²⁶ Em 1913 a comunidade estava carente de um lugar para realizar seus cultos, e, como havia uma casa sem moradores, a Brazil Railway Company cedeu-a para que nos domingos fossem realizados os cultos e durante a semana servisse de escola, (para a realização dos cultos era colocado um púlpito e alguns bancos, que durante a semana eram substituídos por carteiras para os alunos). A nomenclatura da Igreja foi por muito tempo somente “Igreja Reformada”. (BOER, 2006.)

²⁷ Passaram por muitas dificuldades, inclusive no que se refere ao comércio dos seus produtos. A Revolução de 1930 atingiu diretamente a região, pois estacionados em Ponta Grossa, a 17 km de Carambeí, não tinham como vender. E também dessa década a Lei Básica do Cooperativismo Brasileiro.

²⁸ Isso pode ser verificado em entrevista com o Padre Theodorus Koop, no ano de 2000, quando o mesmo falou que a Igreja católica foi criada por iniciativa dos próprios holandeses que estavam sentindo que os luso-brasileiros precisavam dessa segurança e de algo para apoiar-se. A única exigência do grupo era que o padre fosse de origem holandesa, para passar a eles os costumes holandeses.

²⁹ Em outras colônias criadas posteriormente, o preconceito ainda aparece muito forte, como por exemplo, em Holambra 1 (São Paulo), na década de 1950, quando a escola brasileira veio substituir a holandesa, muitos colonos não aceitaram que seus filhos estudassem na mesma classe com crianças brasileiras, tratando estes como doentes, como nos mostra Hermelina M. Pretto, em um artigo da Revista de Antropologia intitulado: “O problema da escola brasileira numa comunidade holandesa de São Paulo.” Porém, esta colônia foi formada por imigrantes holandeses católicos.

³⁰ A primeira guerra mundial e a campanha pela nacionalização acabaram por isolar indivíduos que não sabiam falar português, impossibilitando o exercício de outro idioma no sul do país. Tanto que em 1917 o governo da União “determinou o encerramento das atividades nas escolas de imigrantes no sul do país, que não falassem o português [...]” (NASCIMENTO, 2004, p. 117). Porém essa campanha não afetou a colônia de Carambeí, pois como as escolas não possuíam um registro oficial, continuaram agindo da mesma maneira.

³¹ Este professor solicitou junto ao governo holandês material didático para trabalhar. O professor Keimpe aprendeu a língua portuguesa em 1940, no Instituto José Manoel da Conceição, em São Paulo.

³² Esse termo “acaboclamento” também é utilizado por imigrantes de outras etnias. (LUYTEN, 1981)

Recebido em: 22.04.12

Aprovado em: 30.05.12